



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de divulgação de editais para contratação de obras de conservação, recuperação, manutenção e pavimentação das rodovias BRs 153, 158, 163, 222, 308, 316 e 230 e de assinatura de ordem de reinício de obras da BR-230, no estado do Pará**

**Belém-PA, 16 de setembro de 2010**

Eu estava... Demorei para chegar no microfone porque estava ligando para Brasília para saber se vai sobrar algum dinheiro para fazer outra estrada em outro estado da Federação, porque a quantidade de quilômetros e de dinheiro anunciado aqui, haja trabalho, hein? Haja máquina para mexer essas estradas.

Bem, eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro Paulo Sérgio Passos, ministro dos Transportes,

O companheiro Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República, e o Padilha. Lembrando a vocês que o Dulci já morou dois anos aqui porque foi professor aqui, e que o Padilha, como médico de doenças tropicais, tinha que escolher entre o Acre, Santarém... Quando ele viu a praia do Tapajós, ele preferiu ficar em Santarém e ficou aqui, acho que... Quantos anos? Cinco anos trabalhando com medicina tropical.

Quero cumprimentar o companheiro Duciomar Gomes da Costa, prefeito de Belém,

Quero cumprimentar a nossa querida Maria do Carmo Lima, prefeita de Santarém,

Quero cumprimentar o Geraldo Francisco de Moraes, do Brejo Grande do Araguaia,

Quero cumprimentar o Geraldo Irineu Pastana, de Belterra,

Quero cumprimentar o Helder Barbalho, de Ananindeua,



Quero cumprimentar o Jaime Modesto da Silva, de São Domingos do Araguaia,

Quero cumprimentar a Maria da Glória Silveira Silva, de Tracuateua,

Quero cumprimentar a Marlene Corrêa Martins, de São João do Araguaia,

Quero cumprimentar o Maurino Magalhães de Lima, de Marabá,

Quero cumprimentar o Sidney Moreira de Souza, de Bom Jesus do Tocantins,

Quero cumprimentar o Iran Lima, de Moju,

Cristiano Vale, do Viseu,

Quero cumprimentar o companheiro João Bosco Lobo, secretário estadual de Transportes, por meio de quem cumprimento os demais representantes do governo do Pará aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro Abidias José de Sousa, presidente do Banco da Amazônia,

Quero cumprimentar a nossa querida Juliana Carepa, representando a nossa governadora Ana Júlia,

Quero cumprimentar os deputados aqui presentes, que eu não posso citar o nome porque a lei não permite,

Quero cumprimentar os empresários,

Quero cumprimentar os dirigentes sindicais,

Quero cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês o seguinte. Em um ano eleitoral, normalmente, no Brasil, quem é representante do Poder Executivo fica um pouco quase que amarrado e amordaçado, porque a partir do mês de junho você não pode fazer convênio com nenhuma cidade, você não pode fazer convênio com nenhum estado, você fica um pouco, um pouco paralisado de fazer qualquer coisa nova. Eu tomei a decisão de não permitir que o processo eleitoral parasse o trabalho



do governo federal. Uma coisa são as pessoas que estão disputando eleições, o que é justo e legítimo, do ponto de vista democrático, e outra coisa é a atuação do prefeito, a atuação do governador e a atuação do Presidente da República, que as coisas precisam acontecer. Porque se a gente paralisa nossa administração seis meses antes de cada eleição, como nós temos duas eleições – uma para prefeito daqui a dois anos e outra majoritária –, você perde um ano num mandato de quatro [anos]. Como você já perde o primeiro ano porque você toma posse com o orçamento do administrador anterior, e um ano é perdido – as obras já estavam contratadas –, você tem dois anos. Essa é a pura verdade: no Brasil nós temos dois anos úteis em que você tem 365 dias por ano para você trabalhar. Os outros dois anos você é truncado no meio [por] seis meses.

Então, eu tomei como decisão não permitir que houvesse qualquer truncamento no processo administrativo do governo federal. Nós temos muitas coisas contratadas. Se a gente não aproveita um momento como hoje e vem aqui para lançar os editais que vão mexer com quase dois mil quilômetros de estrada, isso atrasa três meses para frente, quatro meses para frente, cinco meses para frente. Em vez de você estar inaugurando uma coisa daqui a um ano, você vai estar inaugurando daqui a dois anos.

Ontem, por exemplo, eu estava acertando com o Paulo Sérgio, eu vou visitar a Ferronorte, ou melhor, a Ferrovia Norte-Sul. E nós estamos inaugurando, antes de terminar o meu mandato, praticamente 1.500 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul contra 215 feitos em 17 anos de governos passados. E aí nós descobrimos que tinha um trecho que estava atrasado, mas que vai ser entregue até dezembro ainda. E aí nós descobrimos que esse trecho ficou paralisado um ano. Alguém no Tribunal de Contas da União levantou suspeita de que tinha sobrepreço, exigiu que a Valec retivesse 10% do valor do pagamento, a empresa não concordou, entrou na Justiça, demorou um ano para a Justiça decidir, e agora eu não sei de quem cobrar o prejuízo de



um ano que a nação brasileira perdeu com essa paralisia. Eu, sinceramente, não sei de quem cobrar. As pessoas se acham no direito de poder paralisar. E por que eu estou fazendo isso? Exatamente para ver se a gente não perde tempo.

Eu estou em um estado em que, para a gente decidir fazer uma hidrelétrica, demorou-se 30 anos. Tem engenheiro que se formou, se aposentou e não conseguiu sequer ver o projeto básico aprovado. Por quê? Porque, muitas vezes, nós trabalhamos com coisas que não são reais. Nós temos clareza de uma coisa que disse a companheira Maria do Carmo. O nosso lema não é proibir de fazer as coisas, mas permitir que você faça as coisas bem feitas, permitir que as pessoas possam ganhar, que a construção de uma obra não seja um entrave para quem mora por onde a obra vai passar, mas que seja um benefício para aquelas pessoas que ali moram; que uma hidrelétrica não seja um prejuízo para as pessoas que moram lá, mas que seja uma possibilidade de melhoria de vida das pessoas que estavam lá. É por isso que no projeto de Belo Monte tem R\$ 5 bilhões no projeto para cuidar das questões ambientais e para cuidar das questões sociais, porque a gente não pode permitir que uma mentira atrás de outra vá desmontando uma obra que é necessária ao país.

Eu lembro que, quando nós fomos a Altamira, eu contei uma história sobre Itaipu. Quando foi fazer Itaipu, primeiro os argentinos inventaram que era para inundar Buenos Aires, aí nos ameaçaram com a bomba atômica. Isso, na época do regime militar, então você imagina a confusão que deu. Depois, os contra Itaipu disseram que aquilo ia mexer com o eixo da Terra. Se vocês puderem entrar no Google e pegar o que se dizia na época, vocês vão ver as maiores aberrações. Depois diziam que ia haver uma mudança de clima, que ninguém controlava mais. Depois diziam que a água ia vazar toda porque não era possível suportar um peso tanto de água numa represa. E foram contando coisas, e isso, cada coisa que contava era briga na Justiça, era briga no



Ministério Público, ou seja, as coisas não andavam.

Como é que a gente vai fazer este país andar? A culpa não é de ninguém, a culpa não é de ninguém, a culpa é de todos nós. Individualmente ninguém tem culpa, individualmente a Justiça está certa, individualmente o Tribunal de Contas está certo, individualmente o empresário está certo, individualmente o ministério está certo, o DNIT está certo. Cada um tenta fazer as coisas de acordo como interpreta a lei que nós fizemos e que dá margem a que cada um faça da lei a sua interpretação. Nós não somos conclusivos nas nossas leis. Nós somos ambíguos e permitimos que cada um entenda uma mesma lei de 80 vezes... de 80 formas diferentes. É como se fosse a Bíblia, é como se fosse a Bíblia, a gente vai criando dificuldade para nós mesmos. E isso é que nós estamos tentando mudar no Brasil nesse momento.

Quando eu chego aqui e ouço o Presidente do Basa falar que nós saímos de R\$ 3 bilhões num período passado para R\$ 13 bilhões agora, explica um pouco o desenvolvimento do país. Quando a gente olha os dados do Ministério da Fazenda e a gente percebe que a gente saiu de R\$ 380 bilhões de crédito para 190 milhões de brasileiros, em 2003, para 1 trilhão e 600 bilhões, em 2010, explica o desenvolvimento do país. Quando a gente pega o BNB, que em 2002 emprestou apenas R\$ 262 milhões e que este ano agora vai emprestar mais de R\$ 20 bilhões, a gente começa a perceber o desenvolvimento do país. Quando a gente pega a Caixa Econômica Federal, que dinheiro do Fundo de Garantia, em 2003, ela tinha R\$ 5 bilhões para investir, e este ano vai investir R\$ 70 bilhões, a gente compreende o desenvolvimento. Quando a gente percebe que o Banco do Brasil sozinho, hoje, tem a quantidade de crédito que o Brasil inteiro tinha oito anos atrás, a gente compreende o desenvolvimento do Brasil e a gente compreende porque as coisas estão funcionando.

Mas o Paulo Sérgio deveria dizer aqui, não apenas tentar agradar os paraenses e dizer quantos quilômetros de terra ele vai fazer aqui. É que nós



estamos gastando por mês, hoje, o que se gastava por ano na área de transporte; ele está pagando hoje. Não é contratando, não, é pagando 1,2 bilhão, 1,3 bilhão por mês, quando, na verdade, a gente contratava isso por ano e não pagava, e os empresários também não faziam; era um brinca, brinca de engana. O governo fingia que contratava, os empresários fingiam que faziam, e ninguém fazia nada porque o governo não tinha dinheiro, os empresários não podiam trabalhar de graça, e ficavam as máquinas paradas, enferrujando, até que chegavam, tiravam as máquinas e levavam para outro lugar, e era assim o país. Porque nós ficamos 25 anos atrofiados em investimentos em infraestrutura, 25 anos em que este país se deu ao luxo de não ter dinheiro para fazer investimento em infraestrutura.

Eu digo sempre, que é para memorizar a cabeça das pessoas. O último período de investimento neste país foi no governo Geisel, que, por conta do investimento e ter que tomar dólar emprestado, barato, e depois o chefe do Banco Central americano, Paul Volcker, para resolver o problema da dívida americana, aumentou o juro contratado de 3 para 21%, a gente entrou em uma dívida que a gente não conseguiu mais sair. Aí tivemos as chamadas “duas décadas perdidas”, em que a gente não tinha... O que fazia o ministro da Fazenda, no Brasil? Juntava dinheiro para poder pagar as nossas importações, juntava dinheiro para poder resolver o problema de conta... de crédito de conta corrente, juntava dinheiro para pagar a dívida do FMI. Vocês percebem que nós nos livramos de tudo isso. Ontem eu estive com a Vale do Rio Doce. Somente os investimentos da Vale do Rio Doce para os próximos períodos chegam a R\$ 27 bilhões. Somente a Petrobras, serão 224 bilhões. Tudo isso tem que acontecer entre 2015 e 2020.

Então, este país, este país que o Paulo Sérgio veio aqui anunciar as obras, que o Secretário de Transportes veio falar das obras, que o nosso Presidente do Basa falou, é um país em construção, é um país em um processo de evolução que não pode parar, que não pode acreditar mais em



coisas fáceis, que tem que acreditar que o maior valor – e um valor incomensurável que nós conquistamos nesse período – é a recuperação da autoestima e a recuperação do Estado brasileiro de fazer investimentos neste país, porque o Estado, o Estado... Durante muitos anos, nós fomos induzidos a acreditar que o Estado não podia fazer nada. Até a Eletrobrás não podia participar de licitação de nenhuma hidrelétrica, e Belo Monte só saiu porque nós dissemos aos empresários: “Se vocês acharem que não vão fazer, o governo vai fazer Belo Monte”.

Agora, na crise econômica, a crise criada pela especulação imobiliária nos Estados Unidos, que ainda não resolveu, qual foi o último país a entrar na crise e o primeiro a sair da crise? Foi o Brasil, exatamente porque a gente tinha feito a lição de casa, porque a gente estava preparado, porque a gente tinha juntado os cacos e reordenado este país. Então, eu queria dizer para vocês, companheiros do Pará, trabalhadores, empresários, dirigentes, prefeitos, deputados, secretários, que o Brasil está vivendo um momento que não tem volta, não existe possibilidade de ter retrocesso neste país.

Eu poderia contar uma pequena história para vocês. Três meses atrás, numa reunião... Porque a cada 45 dias eu me reúno com os ministros da infraestrutura para saber o que está acontecendo. É uma espécie de Toyotismo: a gente coloca todo mundo envolvido naquela área, em volta de uma mesa, para saber se é o Iphan, para saber se é o Ibama, para saber se é o Meio Ambiente, para saber se é a Fazenda, para saber se é o Planejamento, para saber quem é, que diabo está atrapalhando a coisa para não sair. E o que nós descobrimos? Nós descobrimos que a empresa que tinha a responsabilidade de fazer a eclusa tinha tirado funcionário da eclusa para fazer as hidrelétricas do rio Madeira. Porque era para inaugurar a eclusa este mês. Fomos obrigados a chamar o empresário e dizer para ele: “Olha, você pode voltar, vai receber a multa que merece, mas nós queremos inaugurar a eclusa”. Agora, parece que vai ficar para outubro, mas isso está se arrastando há



quantos anos? Há quantos anos está se arrastando essa coisa?

E assim vale para quase todas as obras. Tem sempre alguém para meter o dedo e tentar não permitir que as coisas andem. E nós, e nós não brincamos nessas coisas, porque, se tem uma coisa que eu aprendi... Eu tinha medo do segundo mandato, e foi o segundo mandato que me permitiu criar o PAC, e foi o segundo mandato que permitiu a gente, hoje, olhar para a cara de qualquer empresário da construção civil e dizer para ele: “Nunca antes, na história do Brasil, vocês tiveram tanto trabalho, ganharam tanto dinheiro, geraram tanto emprego e pagaram tanto salário”. E não sou eu que tenho que dizer, são eles que têm que dizer. Se for discutir “nunca antes, na história do Brasil”, você passa o dia falando.

Mas, veja uma coisa, veja uma coisa (incompreensível): somente na hidrelétrica de Belo Monte serão investidos, neste estado, nos próximos cinco anos, R\$ 19 bilhões. Alguém tem noção do que significam R\$ 19 bilhões investidos num estado? O que pode gerar de emprego, o que pode gerar de salário, o que pode gerar de riqueza, o que pode gerar de desenvolvimento? O que vem atrás de um investimento desses? Eu fui começar a terraplanagem, porque a minha briga com a Vale do Rio Doce é que ela tinha que fazer uma siderúrgica aqui no estado do Pará. Todo mundo sabe que essa briga ficou pública e notória, foi para a imprensa, porque o Pará não pode se conformar em ser eterno explorador de minério de ferro. É muito importante exportar minério, mas nós queremos exportar valor agregado. Ou seja, entre exportar uma tonelada de minério de ferro e exportar um chip, vamos tentar fazer investimentos na Educação para a gente exportar um chip, e a gente ganhar muito mais dinheiro e ganhar muito mais geração de desenvolvimento para o nosso país.

A gente poderia pegar os investimentos na Educação. Eu não vou fazer comparação com outros governos porque eu sei que ninguém nunca investiu o tanto que nós investimos em Educação. É até uma vergonha, é até uma



vergonha para quem governou este país antes de mim, permitir que exatamente um metalúrgico, que não tem diploma universitário, ser o Presidente que mais fez universidades no país e que mais fez escolas técnicas. É uma...

Então, companheiros, eu quero dizer, Paulinho, que foi muito bom vir fazer esta agenda aqui. Você veja que só num programa do ProUni, aqui, nós temos 11.328 estudantes fazendo o ProUni. Tem uma universidade nova, tem novos quatro campi: Paragominas, Capitão Poço, Parauapebas e Tucuruí, que está começando agora; tem cinco novos campi de ensino técnico: Abaetetuba, Bragança, Conceição do Araguaia, Santarém e a Escola Técnica Agrícola de Marabá, já está com 2.700 alunos no ano de 2010. E nós temos que fazer mais investimentos, os prefeitos precisam cobrar mais investimento em Educação, porque, antigamente, nem os prefeitos pediam e nem o governo federal fazia. Agora, é importante que cada vez que estiver um ministro na cidade de vocês, façam uma placa lá pedindo uma escola técnica, uma, uma... Que é a garantia que a gente tem do desenvolvimento deste país. A garantia que a gente tem é a gente recuperar o atraso do investimento na Educação.

Então, eu quero dizer para vocês da minha alegria, da minha alegria, dizer que valeu a pena acreditar no Basa, valeu a pena acreditar no BNB, valeu a pena acreditar no Banco do Brasil, valeu a pena acreditar na Caixa Econômica Federal, valeu a pena a gente sair de US\$ 39 bilhões do BNDES... R\$ 39 bilhões para R\$ 150 bilhões, valeu a pena. E eu acho que isso vai permitir que quem vier depois de nós tenha muito mais facilidade para governar este país. Vai ter muito mais, muito mais facilidade de governar este país porque o caminho está (incompreensível).

Eu lembro que eu vim, em [19]89, aqui fazer campanha, eu era candidato em [19]89... bom, eu fui candidato muitas vezes, essa é a vantagem de a gente ser velho. Eu vim aqui fazer campanha, eu lembro que uns companheiros me pegaram e queriam que eu fosse num tal de marco zero, lá



em Santarém, assumir o compromisso de que eu ia fazer a Santarém-Cuiabá. Não, não, a Santarém. Eu fui a Santarém e o pessoal queria que eu fosse assumir o compromisso de fazer a Cuiabá-Santarém. Era o marco zero, era uma coisa que tinha lá, era uma roda que tinha em Santarém. Não me digam que não foi lá, porque foi lá que eu estava. E eu falei, eu falei: eu não vou assumir compromisso porque eu não conheço o projeto, eu não sei se tem dinheiro, eu não sei se vou ganhar a eleição e eu não tenho cara para ficar prometendo o que eu não sei se posso fazer. Nem para a Marisa, que eu estou casado há 36 anos, eu faço falsa promessa, por que eu vou fazer para alguém que eu não conheço? Você só tem que prometer aquilo que você vai cumprir mesmo, senão nem a mulher acredita em você. Então, parem de blasfemar.

Então, eu lembro que eu disse que não ia fazer, que não ia discutir. Bom, somos nós que estamos fazendo ela, e não acabamos, não acabamos essa estrada por causa do perfeccionismo do projeto. Quando parecia que tudo estava pronto, depois de envolver 17 ministros, depois de envolver 17 ministros na construção, nós descobrimos que o projeto era velho, que estava superado e que era preciso fazer um projeto novo. E aí fizemos, fizemos direitinho, nós temos que reparar qual é o cantinho do índio, qual é o cantinho do quilombola, para que a gente não faça como antigamente, que a gente atropelava os mais humildes e eles saíam do seu lugar, vinham ocupar a periferia das grandes cidades e virava uma coisa desastrosa: as pessoas morando em lugares inadequados, que encham d'água, que cai barranco e que as pessoas morrem. Então, nós não queremos mais isso, nós não queremos mais isso, não é correto fazer isso, tem espaço para todo mundo, e se a gente vai fazer uma hidrelétrica para servir energia para uma grande empresa, a gente tem que saber que tem alguém que vive do peixe e precisamos cuidar do peixe para aquela pessoa; tem alguém que vive da agricultura, temos que cuidar da agricultura para aquela pessoa. E tudo isso é possível fazer porque nós temos o domínio tecnológico e temos vontade para fazer.



Por isso, companheiros e companheiras, muito obrigado por esta tarde. Eu não vou falar de quilometragem de estrada aqui, porque vocês já estão gastando muita gasolina com os números ditos aqui pelo Paulo Sérgio e pelo nosso secretário de Transportes.

Parabéns e um abraço.

(\$211A)